

O património industrial na museologia contemporânea: o caso português

José Amado Mendes
jamendes@universidade-autonoma.pt
Universidade de Coimbra
Universidade Autónoma de Lisboa

ABSTRACT

After a few introductory considerations about industrial heritage, industrial archaeology and contemporary museology, the following work will focus on the role the mentioned heritage has played within the framework of the renovation as well as the development of the museology in Portugal throughout the last decades. In fact, in what regards the contents (heritage liable to be part of a museum) and the infrastructures (buildings re-used as museums), the industrial heritage is present in various cases, some of them with remarkable success. Without wanting to be too exhaustive, I shall go through the national scenery in this area, highlighting the most relevant initiatives and calling attention to certain fields where there is still a lot to be undertaken. Appropriate focus will fall upon the role played in the process by both the most recent museological movements and the political and social environment, particularly after the 25th April, 1974, when local authorities' leaders, associations, foundations and entrepreneurs started to gain conscience of the cultural and industrial heritage added value, and, consequently, started to care for its safeguard, state and disclosure.

KEY-WORDS

Industrial heritage, museum, reutilisation, cultural tourism, development.

RESUMO

No trabalho que se segue, após alguma notas introdutórias sobre o património industrial, a arqueologia industrial e a museologia contemporânea, foca-se o papel que o referido património tem desempenhado na renovação e no desenvolvimento da museologia em Portugal, nas últimas décadas. Com efeito, tanto em termos de conteúdo (património musealizável) como de continente (estruturas reutilizadas como museus), o património industrial encontra-se presente em numerosos casos, alguns dos quais de assinalável sucesso. Sem pretender ser exaustivo, passarei em revista o panorama nacional do sector, destacando as iniciativas mais relevantes, chamando a atenção para alguns domínios onde muito há ainda a fazer. Será dado o devido destaque à função desempenhada no processo pelos movimentos museológicos mais recentes e pela conjuntura política e social, em particular no pós-25 de Abril de 1974, quando responsáveis autárquicos, associações, fundações e empresários se começaram a aperceber da mais-valia constituída pelo património cultural/industrial e, conseqüentemente, pela sua salvaguarda, estudo e divulgação.

PALAVRAS-CHAVE

Património industrial, arqueologia industrial, museu, musealização, reutilização, turismo cultural, desenvolvimento.

INTRODUÇÃO

Na transição da actividade artesanal e manufactureira para a indústria fabril – o que se verificou, em Portugal, na 2.^a metade do século XIX e nos inícios do século XX –, perante a desactivação de antigas unidades produtivas, Francisco Marques de Sousa Viterbo (1845-1910), reportando-se ao estudo dos antigos moinhos, sugeriu que, paralelamente à arqueologia tradicional/clássica, se comesse igualmente a praticar a “arqueologia da indústria” (VITERBO, 1896), devendo-se-lhe assim, a nível mundial, a prioridade no utilização da expressão **arqueologia industrial**. O assunto caiu no esquecimento até que, nos anos de 1950, na Bélgica e em Inglaterra, a expressão viria a ser utilizada por outros autores, desta vez com evidente sucesso, de tal modo que até deu origem ao aparecimento de uma nova disciplina e área de investigação, precisamente designada por *arqueologia industrial* (MENDES, 1995; *Archeologia industriale*, 2001).

Estava-se então no pós-II Guerra Mundial, durante o qual muitos vestígios da industrialização tinham desaparecido, o que continuou a verificar-se no período de reconstrução acelerada que se lhe seguiu. Registava-se, igualmente, a chamada “destruição criadora” (usando a conhecida expressão de Josph Scumpeter), resultante da dinâmica inerente à 2.^a revolução industrial, então em curso.

Face ao rápido desaparecimento dos vestígios materiais do desenvolvimento económico, verificado ao longo de século e meio, diversos autores passaram a estudar o que persistia do chamado património industrial, um “novo território”, como já foi designado, chamando a atenção para os valores a ele associados e seu potencial, inclusive em termos de reutilização para novas funções – dando-lhe assim uma “segunda vida” (BERGERON e GRACIA, 1996: 77) –, entre as quais as de carácter museológico (MENDES, 2009: 73-81). Assim,

particularmente a partir dos anos de 1980, passa a desenvolver-se, de modo exponencial, a designada “museologia industrial” ou, segundo outra perspectiva, a “museologia dos fenómenos industriais” (CUSTÓDIO,1999:15). Portugal não ficaria alheio a este movimento, como demonstram as numerosas iniciativas tomadas, no âmbito do panorama museológico nacional.

ESTRUTURAS INDUSTRIAIS OU AFINS ADAPTADAS A MUSEUS: SALVAGUARDA DO PATRIMÓNIO E PROMOÇÃO DO DESENVOLVIMENTO

A exemplo do verificado no século XIX, quando fábricas foram instaladas em antigos conventos e mosteiros desactivados – na sequência da extinção das ordens religiosas, em 1834 –, também a partir de meados do século XX a desindustrialização, nuns casos, e a modernização de tecnologia e estruturas, noutros, deixaram vagos numerosos edifícios, susceptíveis de reutilização para novos fins.

Como já foi sublinhado, uma vez que a arquitectura industrial se rege por princípios inerentes à produção – funcionalidade, racionalidade, adaptabilidade e desempenho –, «é por vezes rapidamente votada à obsolescência». Consequentemente, podemos deparar-nos com diferentes cenários: «1) adições e demolições no edifício ou complexo industrial que corresponderam a fases de expansão da produção; b) mudança de uso, em estruturas flexíveis; transformações profundas com a substituição da fonte de energia; e 4) reconstrução» (RAMOS, 2011: 12).

Acresce que certas estruturas industriais, pela sua escala e dimensões, são apropriadas para a exibição de obras de grande porte, como se tem verificado na Tate Modern, em Londres, instalada numa antiga central termoeléctrica, cuja sala das turbinas tem possibilitado a exposição desse tipo de objectos. Neste caso, as instalações integram-se no contexto de uma nova relação estabelecida entre o património, a cultura e a economia, além de se localizarem junto ao rio Tamisa, o que se enquadra também no movimento de valorização das “frentes de água”, tão em voga nas últimas décadas (WITCOMB, 2003: 28 e 30; tradução minha, como em casos análogos).

Em Portugal também temos vários exemplos de reutilização de antigas instalações industriais ou de equipamentos colectivos, para finalidades diversas, embora com destaque para a museologia. Em numerosos casos os museus, instalados em estruturas industriais ou afins, desactivadas, integram-se no mesmo ramo das antigas funções, pelo que a questão da memória e do património são desse modo reforçados. Noutros casos, as instalações foram adaptadas a novas funções, desligadas da actividade outrora exercida, pelo que só aquelas invocam o seu passado e a sua história.

Independentemente da solução adoptada, os novos museus ou outras instituições, em consequência do aproveitamento de antigas estruturas ligadas à actividade económica, constituem testemunhos importantes do papel decisivo desempenhado por determinadas actividades nas respectivas zonas ou localidades. Além de poderem contribuir para fomentar o desenvolvimento económico, social e cultural dessas regiões – com destaque para o contributo que podem e devem dar ao turismo cultural –, são ainda factores de identidade das próprias comunidades que, por essa via, se sentem reconhecidas e recordadas, ao

mesmo tempo que verificam não terem sido esquecidos a memória e o legado transmitido pelos seus antepassados. Recordem-se, por exemplo, o Vale do Ave e a Covilhã (indústria têxtil), a chapelaria (S. João da Madeira) e as indústrias vidreira, de conservas e da cortiça, respectivamente na Marinha Grande, em Espinho e Setúbal e no Algarve.

PANORAMA DA MUSEOLOGIA INDUSTRIAL EM PORTUGAL: RESULTADOS DE UM PROCESSO E NECESSIDADE DE O INCREMENTAR

Como o número de museus relacionados com os diversos géneros de actividades económicas é já elevado, aproximando-se, provavelmente, da centena (ver ANEXO, quadros 1 e 2, embora a lista não seja exaustiva), não é possível, nas presentes circunstâncias, aludir expressamente a todos eles. Consequentemente, apenas sublinharei alguns dos mais representativos e conhecidos (os quais serão assinalados a **bold**, na referida lista), agrupando-os pelas principais áreas de actividade.

Energias e equipamentos colectivos. Relativamente às energias, sublinham L. Bergeron e Dorel-Ferre: «No domínio das lógicas técnicas, o tema da energia é central: a partir do momento em que se abandona o uso da energia humana, móvel, leve, mas de transporte limitado [...], os efeitos sobre o processo de fabrico, sobretudo quanto à escala em que se faz a produção, são enormes, ainda que submetidos a constrangimentos específicos» (BERGERON e DOREL FERRE, 1996: 29).

Entre os principais museus neste domínio – instalados em antigas estruturas e/ou com património industrial incorporado –, permito-me recordar os que se seguem. A *Central Hidroeléctrica de Santa Rita, Fafe*, localizada no concelho de Fafe. Trata-se de um pequeno museu vivo, com a particularidade de uma das turbinas hidráulicas ainda funcionar, para demonstração, permitindo iluminar o espaço com energia eléctrica ali produzida, no contexto da própria visita (COIMBRA, 2002: 218-227). Na cidade do Porto, temos o *Museu do Carro Eléctrico* (inaugurado em 1998), instalado na Central Termoeléctrica de Massarelos e que, em 2010, viu aprovada uma candidatura ao QREN ON2, para a Musealização da Casa das Máquinas («Museu do Carro Eléctrico da Cidade do Porto», www.museudocarroelectrico.pt). Por sua vez, em Coimbra também há um *Museu dos Transportes Urbanos* (criado em 1982), actualmente em remodelação, e o *Museu da Água*, inaugurado em 2007 (MENDES, 2009: 216), instalado na antiga Central Elevatória do Parque da Cidade Dr. Manuel Braga (edificada em 1922), o qual é considerado como que a sala de visitas da cidade. Recentemente, foi também musealizada a *Central do Pateiro*, no distrito da Guarda, a qual havia sido instalada, com um certo pioneirismo, em 1899.

Em Lisboa, dispomos de vários museus de sucesso, instalados em equipamentos colectivos desactivados: *Museu da Água Manuel da Maia*, na Estação Elevatória a Vapor dos Barbadinhos (1880), inaugurado em 1987 e que, logo em 1990, ganhou o prémio de melhor museu do ano, atribuído pela UNESCO («Museu da Água». <http://museudaagua.blogspot.pt/>); o *Museu da Electricidade*, instalado na Central Tejo, inaugurado em 1990 e remodelado de 2001 a 2005 («Museu da Electricidade», <http://www.edp.pt/pt/sustentabilidade/fundacoes/>

fundacaoedp/museudaelectricidade/pages/museuelectricidade.aspx; SOUSA, 1983); o *Museu do Fado*, na Estação Elevatória da Praia (fundado em 1998); e o recém-criado *Museu do Oriente* (inaugurado em 2008), nos Armazéns Frigoríficos do Bacalhau de Alcântara (Edifício Pedro Álvares Cabral). Os dois últimos e o *Museu da Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva* (instalado na Real Fábrica das Sedas do Rato [1759-1769], inaugurado em 1994, foram recentemente focados, como estudos de caso, numa dissertação de Mestrado (RAMOS, 2011: 127-191). Também em Évora há um núcleo museológico dedicado ao património da água (<http://www2.cm-evora.pt/piphe/>).

Integram-se ainda nesta categoria de museus, entre outros: o Museu da Carris, também em Lisboa, aberto ao público em 1999 («10.º Aniversário do Museu da Carris, www.youtube.com/watch?v=f3HN3cLx3zA); o Museu Nacional Ferroviário do Entroncamento e os núcleos museológicos dispersos pelo País (Santarém, Macinhata do Vouga, Lousado, Arco do Baulhe, Valença e Chaves); o Museu das Comunicações, em Lisboa; e o *Museu da Electricidade. Casa da Luz*, do Funchal, instalado numa antiga central termoelétrica. A sua inauguração ocorreu em 1897, ano do centenário da Central Térmica onde foi instalado (*Museu da Electricidade. Casa da Luz*, 1997). Recordar-se que o próprio *Museu Militar* se encontra instalado, desde 1927, nas instalações do antigo Arsenal.

Indústria extractiva e transformadora. Quanto à **indústria extractiva**, ainda são em número reduzido os casos de musealização do património mineiro desactivado, embora por vezes se aluda a projectos em vias de concretização. Do que já foi levado a cabo merecem referência: o *Museu do Ferro de Moncorvo* (CUSTÓDIO e BARROS, 1984; «Museu do Ferro de Moncorvo», in www.torredemoncorvo.pt/museu-do-ferro); o *Museu Mineiro do Lousal*, no concelho de Grândola (www.cm-grandola.pt). Também se tem chamado a atenção para o importante património mineiro das *Minas de S. Domingos*, no Alentejo (territoriosustentavel.dcea.fct.unl.pt); *Couto Mineiro do Espadanal*, Rio Maior (ROCHA, 2010); complexo mineiro e industrial do *Cabo Mondego* (PINTO, s. d.; MENDES, 1998) e para os Museus Universitários Mineralógicos e suas potencialidades pedagógicas (GOMES, 2009).

No que concerne à **indústria transformadora**, entre outras realizações merecem ser referidas as que se seguem. No âmbito da indústria têxtil, os museus instalados em unidades fabris dos seus principais centros, Vale do Ave (têxtil algodoeira) e Covilhã (lanifícios). No Museu da Indústria Têxtil da Bacia do Ave, tem vindo a reunir-se um conjunto significativo de maquinaria e artefactos relativos ao ramo («Museu da Indústria Têxtil da Bacia do Ave...») que, desde meados do século XIX, desempenhou um extraordinário papel socioeconómico e cultural na região, do qual nos ficaram numerosos testemunhos, patentes no seu riquíssimo e diversificado património industrial (MENDES e FERNANDES, 2002).

Por sua vez, o *Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior*, na Covilhã (cidade já chamada “a Manchester Portuguesa”), destaca-se por três motivos principais: a) as instalações, que outrora albergaram importantes fábricas do ramo (*Fábrica Pombalina*, onde se encontra o núcleo da Tinturaria) e a *Fábrica Veiga* (núcleo dedicado à industrialização da respectiva actividade, nos séculos

XIX e XX), a qual sofreu um relevante e criterioso restauro para o desempenho das suas novas funções (PINHEIRO, vol. II, 2008: 641-643); b) o grande acervo de máquinas, artefactos, utensílios e objectos dos mais diversos tipos, relacionados com a indústria da lã e os respectivos produtos; c) a concentração de um elevado número de arquivos de empresa, com um abundante e utilíssimo volume de documentação, sem cuja consulta não é possível fazer a história da indústria dos lanifícios em Portugal, nas duas centúrias e meia decorridas, desde o tempo do Marquês de Pombal até à actualidade.

Pela importância da indústria da seda em Trás-os-Montes, no século XIX e primeiras décadas do XIX, o *Real Filatório de Chacim* apresenta igualmente um património industrial digno de registo («Real Filatório de Chacim- Paisagens de Trás-os-Montes» trasmontesdepaisagens.blogs.sapo.pt/23294.html).

No que se refere à *olaria, cerâmica e porcelana*, distinguem-se: o *Museu de Olaria* (Barcelos), actualmente em remodelação (www.museuolaria.org); o *Museu da Vista Alegre*, inaugurado em 1924, ano das comemorações do I centenário da empresa (MENDES, 2002: 71-76); o *Museu Bordalo Pinheiro*, nas Caldas da Rainha (www.museubordalopinheiro.pt/0302.htm); e o *Museu da Fábrica de Sacavém* (http://www.ipmuseus.pt/pt-PT/rpm/museus_rpm).

Também algumas indústrias dispõem já dos seus museus. Assim, a *indústria do vidro* oferece, naquela que é considerada precisamente a “capital do vidro”, a Marinha Grande, dois museus: o *Museu do Vidro*, instalado no Palácio Stephens, da segunda metade do século XVIII, integrado no complexo da célebre Real Fábrica de Vidros da Marinha Grande (www.lifecooler.com/Portugal/patrimonio/MuseudoVidro); e um museu de empresa, *Museu Santos Barosa da Fábrica do Vidro*, inaugurado aquando das comemorações do centenário (http://www.santosbarosa.pt/index_p.php?num=5), em 1989 (MENDES, 1992).

Relativamente à *Cortiça*, assinala-se o *Museu da Fábrica do Inglês*, em Silves (*Museu da Cortiça da Fábrica do Inglês*, 1999) e o *Museu da Cortiça* do Grupo Amorim, Santa Maria de Lamas, concelho de Santa Maria da Feira – de forte implantação da indústria corticeira –, inaugurado em 2006 (www.amorim.com/cor_museu.php). É também no município vizinho de Santa Maria da Feira que se localiza o interessante *Museu do Papel Terras de Santa Maria*, inaugurado em 2001 e considerado em 2011, pela Associação Portuguesa de Museus (APOM), como o melhor museu português do ano (www.museudopapel.org). No concelho vizinho de São João da Madeira, de grande tradição na indústria chapeleira, encontra-se o *Museu da Chapelaria* (museudachapelaria.blogspot.com; LIRA, s. d.). Deve ainda aludir-se ao *Museu da Fábrica de Cimento de Maceira-Liz* (Leiria), instalado na antiga Central Eléctrica de empresa. Em Setúbal, temos o *Museu do Trabalho Michel Giacometti*, instalado numa antiga fábrica de conservas.

A *moagem* já começa a estar igualmente representada na museologia de carácter industrial, embora ainda de forma pouco expressiva, dada a sua relevância em Portugal ao longo dos tempos. Como exemplos recordam-se: o *Moinho de Maré de Corroios*, integrado no inovador e dinâmico *Ecomuseu Municipal do Seixal* (www.ipmuseus.pt/pt-PT/rpm/museus_rpm). Outros casos poderiam ser referidos neste domínio mas, pelo património que preservam e dinamizam e pela actividade que desenvolvem, o *Museu do Pão*, em Seia (www.museudo-pao.pt).

museudopao.pt) e o *Museu da Broa*, junto ao Douro, em Rio Mau (<http://www.rotadoromanico.com>), não poderiam deixar de ser referidos. O mesmo se dirá em relação aos conjuntos de *moinhos eólicos* situados no concelho de Penacova (Portela de Oliveira e Atalhada) que, além do interesse museológico, são também reutilizados para fins turísticos (conjunto da serra da Atalhada). Por sua vez, também no concelho de Penacova, os fornos de cal têm merecido atenção, tanto do ponto de vista da museologia (Casal de Santo Amaro) como da investigação (GOUVEIA, 2003; MENDES, 2000).

Embora de importância desigual, dispomos também de diversos museus ligados à actividade agrícola, com património tecnológico que pode incluir-se no âmbito do património industrial. Entre outros, podem mencionar-se os das seguintes localidades: Montemor-o-Novo (<http://aipd.pt>), Atalaia-Montijo (<http://www.mun-montijo.pt>), Riachos (<http://www.ribatejo.com/ecos/tnovas/museuriachos/museu.html>), Vila Franca de Xira (<http://www.cm-vfxira.pt>) e Douro e Minho (instalado na Quinta de São Bento, no lugar de Crasto, Vaião; www.cm-viladoconde.pt). Em Anadia situa-se o *Museu do Vinho da Bairrada*, com um importante espólio ligado à vitivinicultura e instalado num moderno e adequado edifício, especificamente construído como instalação museológica (<http://www.cvbaIRRada.pt>). Quanto à actividade comercial, acaba de ser inaugurado (Março de 2012), em Braga, o Museu do Comércio, instalado na torre medieval (<http://www.correiodominho.com/cronicas.php?id=3812>).

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DOS MUSEUS INDUSTRIAIS E PAPEL DAS AUTARQUIAS

Como se pode verificar pelo quadro 2 e gráfico 1, a distribuição geográfica dos museus relacionados com o artesanato, a indústria e o património industrial é desigual, pelos diversos distritos do País. Assim, dos 81 museus inventariados, 36 (45%) localizam-se nos distritos de Lisboa (16), Aveiro (10) e Porto (10). Além do peso que a actividade industrial tem naqueles distritos (com destaque para os do Porto e Aveiro), também o desenvolvimento do sector terciário (transportes e comunicações, comércio, abastecimento de energia) possibilitou a instalação de algumas instituições museológicas associadas a esse sector, como no caso do distrito de Lisboa.

Sem menosprezar as iniciativas da responsabilidade de outras instituições/ organizações (poder central, associações, empresas, fundações e instituições militares e religiosas), o papel das autarquias revelou-se crucial, na dinamização e no desenvolvimento da museologia industrial e afim. Com efeito, o que já foi constatado para a museologia, em geral – em 1998, dos 328 museus existentes 1/3 era tutelado pelas autarquias (FILIPE, 1998: 13) –, é ainda mais notório na museologia aqui focada, sendo a grande maioria dos respectivos museus de natureza autárquica. Aliás, tal não é surpreendente, tendo em linha de conta o papel do poder autárquico durante o regime democrático, instaurado em Abril de 1974.

Acrescente-se, todavia, que o *boom* deste género de museus se deveu também a outros factores, dos quais destaco: a) por um lado, o movimento museológico da nova museologia, defendendo a proximidade do museu com a comunidade, a preservação de património relativo ao trabalho e ao quotidiano, a interactividade nos museus e a sua função pedagógica; o uso frequente das novas tecnologias;

b) por outro, o desempenho de associações entretanto criadas (Associação Industrial da Região de Lisboa, 1992; Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial, 1986; e a Associação Portuguesa para o Património Industrial, 1997); c) e, por último, o contributo dado por especialistas de diversas áreas (dado o carácter pluridisciplinar da temática), desde investigadores universitários a profissionais liberais, como engenheiros, arquitectos, historiadores, geógrafos, sociólogos e museólogos (ver também CUSTÓDIO, 2005).

CONCLUSÃO

Nas últimas três décadas, foi de facto notável o incremento registado pela museologia industrial ou dos fenómenos industriais, em Portugal, aliás acompanhando de perto a tendência verificada noutros países. A participação de portugueses em reuniões internacionais do TICCHI (The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage) possibilitou contactos e permuta de informação e conhecimentos com investigadores de vários países e, bem assim, acompanhar o que de mais relevante se ia fazendo no contexto internacional.

Deve notar-se, ainda, que este surto museológico industrial não se distingue apenas pela quantidade significativa de instituições, criadas desde os inícios dos anos de 1980. Também se salienta pela qualidade dos projectos – arquitectónicos, expositivos, científicos pedagógicos e comunicacionais –, como aliás se comprova, por exemplo, por alguns dos galardões atribuídos a vários deles (entre outros: Museu da Água de Lisboa, Museu de Portimão, Museu do Papel Terras de Santa Maria).

Evidentemente que nem tudo está feito, pois a lista do que falta fazer ainda é extensa. Recordam-se apenas alguns exemplos. Falta-nos um grande museu da indústria (falou-se do assunto, aquando da Exposição realizada na Central Tejo, em 1985, sob o tema *Arqueologia Industrial: um Mundo a Descobrir, um Mundo a Preservar*), mas a iniciativa não teve sequência. Também na cidade do Porto a Moagem Harmonia (Freixo), indigitada para albergar um Museu da Indústria, acabou por ser incorporada no projecto de uma Pousada.

Por outro lado, há vários ramos de actividade que têm sido de grande importância para o desenvolvimento económico do país mas que a museologia ainda não contempla como, por exemplo: a cerâmica de construção, a metalomecânica, a indústria das madeiras, os meios de transporte tradicionais, a energia a vapor, o abastecimento de gás e o transporte aéreo, para dar apenas alguns exemplos. Também se torna imperioso estabelecer uma melhor articulação dos museus aqui estudados, quer com as escolas, quer com as agências e operadores turísticos, dado o seu potencial como âncoras relevantes do turismo – mormente do *turismo cultural* – e do desenvolvimento, local, regional e nacional.

ANEXO

NOME	DISTRITO/REGIÃO AUTÓNOMA
Museu da Indústria Baleeira	Açores
Museu da Chapelaria	Aveiro
Museu do Papel Terras de Santa Maria	Aveiro
Museu da Cortiça	Aveiro
Museu da Vista Alegre	Aveiro
Museu Marítimo de Ílhavo	Aveiro
Núcleo Museológico de Macinhata do Vouga (CP)	Aveiro
Museu Convento dos Lóios	Aveiro
Museu Municipal de Vale de Cambra	Aveiro
Museu do Vinho da Bairrada	Aveiro
Museu do Carvão e das Minas do Pejão	Aveiro
Museu da Indústria Têxtil	Braga
Museu do Comércio	Braga
Núcleo Museológico de Arco de Baúlhe (CP)	Braga
Núcleo Museológico de Lousado (CP)	Braga
Museu Hidroeléctrico	Braga
Museu do Ferro e da Região de Moncorvo	Bragança
Núcleo Museológico de Bragança (CP)	Bragança
Real Filatório de Chacim	Bragança
Museu de Lanifícios da UBI	Castelo Branco
Moagem – Cidade do Engenho e das Artes	Castelo Branco
Museu da Água	Coimbra
Museu Nacional da Ciência e da Técnica	Coimbra
Museu dos Transportes Urbanos de Coimbra	Coimbra
Unidade Museológica da Central Elevatória de Água	Évora
Museu da Alfaia Agrícola	Évora
Museu da Antiga Armação de Pesca do Atum	Faro
Museu da Cortiça	Faro
Museu Municipal de Portimão	Faro
Núcleo Museológico de Lagos (CP)	Faro
Museu do Pão	Guarda

QUADRO 1

Lista de museus com coleções de património industrial (2012).

QUADRO 1*(Continuação)*

Museu da Electricidade	Guarda
Museu do Vidro	Leiria
Museu do Cimento	Leiria
Museu Nacional do Vinho	Leiria
Museu Santos Barosa	Leiria
Museu Bordalo Pinheiro	Leiria
Museu da Pólvora Negra	Lisboa
Museu de Cerâmica de Sacavém	Lisboa
Museu do Ar	Lisboa
Museu da Fundação Arpad Szenes – Vieira da Silva	Lisboa
Museu do Oriente	Lisboa
Museu do Fado	Lisboa
Museu Municipal de Vila Franca de Xira	Lisboa
Museu da Água da EPAL	Lisboa
Museu da Carris	Lisboa
Museu das Comunicações	Lisboa
Museu da Electricidade	Lisboa
Museu do Automóvel Antigo de Oeiras	Lisboa
Museu do Banco de Portugal	Lisboa
Museu de Alhandra	Lisboa
Museu Municipal de Torres Vedras	Lisboa
Museu Militar	Lisboa
Museu da Electricidade - Casa da Luz	Madeira
Museu do Vinho da Madeira	Madeira
Museu da Cortiça	Portalegre
Museu do Café Nova Delta	Portalegre
Museu do Carro Eléctrico	Porto
Museu dos Transportes e Comunicações	Porto
Museu do Papel Moeda	Porto
Museu Nacional da Imprensa	Porto
Museu da Ciência e da Indústria	Porto
Museu do Vinho do Porto	Porto
Museu da Indústria	Porto
Museu da Broa - Casa da Cultura de Capela	Porto

Casa da Malta / Museu Mineiro	Porto
Museu do Móvel	Porto
Museu Municipal de Santarém	Santarém
Museu dos Fósforos Aquiles de Moura Lima	Santarém
Museu Nacional Ferroviário (sede)	Santarém
Núcleo Museológico de Santarém (CP)	Santarém
Ecomuseu do Seixal	Setúbal
Museu do Arroz	Setúbal
Museu Mineiro de Lousal	Setúbal
Museu do Trabalho Michel Giacometti	Setúbal
Museu Municipal do Montijo - Casa Mora	Setúbal
Museu da Fábrica de Louça Regional de Viana	Viana do Castelo
Museu de Olaria	Viana do Castelo
Núcleo Museológico de Valença (CP)	Viana do Castelo
Núcleo Museológico de Chaves (CP)	Vila Real
Museu do Automóvel do Caramulo	Viseu

QUADRO 1

(Conclusão)

FONTES:

Rede Portuguesa de Museus (<http://www.ipmuseus.pt/pt-PT/rpm/ContentDetail.aspx>);
 Museus de Portugal (<http://www.museusportugal.org/>)
 SILVA, Raquel Henriques da et al. (2000), *Inquérito aos Museus de Portugal, Lisboa, IPM.*

DISTRITO	N.º	%
Açores	1	1,23
Aveiro	10	12,35
Braga	5	6,17
Bragança	3	3,70
Castelo Branco	2	2,47
Coimbra	3	3,70
Évora	2	2,47
Faro	4	4,94
Guarda	2	2,47
Leiria	5	6,17
Lisboa	16	19,75
Madeira	2	2,47
Portalegre	2	2,47
Porto	10	12,35

QUADRO 2

Número de museus com coleções de património industrial por distrito/região autónoma.

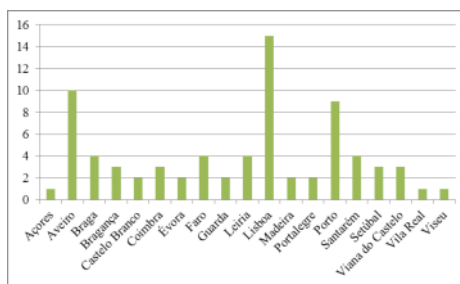
Santarém	4	4,94
Setúbal	5	6,17
Viana do Castelo	3	3,70
Vila Real	1	1,23
Viseu	1	1,23
Total:	81	100,00

FONTES:

Rede Portuguesa de Museus (<http://www.ipmuseus.pt/pt-PT/rpm/ContentDetail.aspx>);
 Museus de Portugal (<http://www.museusportugal.org/>);
 SILVA, Raquel Henriques da et al. (2000), *Inquérito aos Museus de Portugal*, Lisboa, IPM.

GRÁFICO 1

Número de museus com coleções de património industrial por distrito/região autónoma.



FONTES:

Rede Portuguesa de Museus (<http://www.ipmuseus.pt/pt-PT/rpm/ContentDetail.aspx>);
 Museus de Portugal (<http://www.museusportugal.org/>);
 SILVA, Raquel Henriques da et al. (2000), *Inquérito aos Museus de Portugal*, Lisboa, IPM.

REFERÊNCIAS

ANDRIEUX, Jean-Yves (1992), *Le patrimoine industrielle*, col. "Que sais-je?", n.º 2657, Paris, Presses Universitaires de France.

Archeologia industriale. Metodologie di recupero e fruizione del bene industriale. Atti del Convegno (Prato, 16-17 giugno 2000 (2001), Florença. Ed. Edifir.

BERGERON, Louis e DOREL-FERRE, Gracia (1996), *Le patrimoine industriel. Un nouveau territoire*, Paris, Ed. Liris.

COIMBRA, Artur Ferreira (2002), «Central hidroeléctrica de Santa Rita, Fafe», in MENDES, José Amado e FERNANDES, Isabel (coord.) (2002), *Património Industrial do Vale do Ave. Um Passado com Futuro*, Vila Nova de Famalicão, ADRAVE – Agência de Desenvolvimento Regional d Vale do Ave (dois vols., um dos quais é constituído pelos ANEXOS: *Levantamento do Património Industrial do Vale do Ave*).

CRIMP, Douglas (2000, 4.ª reimp.), *On the Museum's Ruins*, Cambridge-Massachusetts-Londres, MIT Press.

CUSTÓDIO, Jorge (2005), «A emergência e a génese dos Museus Industriais e de Empresa em Portugal», *Boletim Trimestral da Rede Portuguesa de Museus*, n.º 18, Dezembro de 2005, p. 11-16.

- CUSTÓDIO, Jorge (1999), «Introdução ao Museu da Cortiça da Fábrica do Inglês», in *Museu da Cortiça da Fábrica do Inglês. Exposição Permanente. Estudos. Catálogo*, Silves, Fábrica do Inglês, S. A., p. 21.
- CUSTÓDIO, Jorge e FOLGADO, Deolinda (1999), *Caminho do Oriente. Guia do Património Industrial*, Lisboa, Livros Horizonte.
- CUSTÓDIO, Jorge e BARROS, G. Monteiro de (1984), *O Ferro de Moncorvo e o seu aproveitamento através dos tempos*, s.l., Ferrominas, EP.
- DUARTE, Ana Maria Lopes (1998), «Subsídios para a história dos museus de autarquia», in FILIPE, Graça (coord.) (1998), *Actas do VII Encontro Nacional "Museologia e Autarquias". Experiências, perspectivas*, Câmara Municipal do Seixal, 1998, p. 123-131.
- «Ecomuseu Municipal do Seixal». Disponível em: www.ipmuseus.pt/pt-PT/rpm/museus_rpm (acedido em 17-04-2012).
- FALK, John H. e DIERKING, Lynn (2000), *Learning from Museums. Visitor Experiences and Making of Meaning*, Walnut Creek, Roman & Littlefield.
- FILIPE, Graça (coord.) (1998), *Actas do VII Encontro Nacional "Museologia e Autarquias". Experiências, perspectivas*, Câmara Municipal do Seixal, 1998.
- GOMES, Maria Fernanda Daniel Lopes (2009), «Museus Mineralógicos – Armazéns de minerais ou preceiros de Ensino? Três Museus – Três perspectivas». Disponível em: letr.lettas.up.pt/uploads/ficheiros/8130.pdf (Acedido em 17-04-2012).
- GOUVEIA, Henrique Coutinho e CARVALHO, Margarida Chorão de (2003), *Musealização de sítios na bacia hidrográfica do Mondego. Conjuntos de moinhos de vento na Portela de Oliveira e de fornos de cal do Casal de Santo Amaro, no concelho de Penacova*, Penacova, Município de Penacova.
- «PATRIMÓNIO/KIT03. Património Industrial». Disponível em http://www.monumentos.pt/site/DATA_SYS/MEDIA/Estudos%20e%20Documentos/KIT03.pdf (acedido em 31-03-2012).
- LINDQVIST, Svante (Editor) (2000), *Museums of Modern Science*, Estados Unidos da América, Science history Publications
- LIRA, Sérgio (s./d.), «Um caso de reutilização de património arquitectónico industrial. O Museu da Indústria de Chapelaria de S. João da Madeira». Disponível em ufpbdigital.ufpb.pt/dspace/handle/10284/737 (acedido em 31-03-2012).
- MARMELO, Jorge (2012), «Onde antes existiam fábricas agora moram pessoas», *Público*, de 12 de Março de 2012, p. 28-29.
- MENDES, José Amado (1995), «Novas metodologias em História Económica: a Arqueologia Industrial», *Revista Portuguesa de História*, t. XXX, p. 37-70.
- MENDES, José Amado (1998) «Cabo Mondego (Figueira da Foz): exploração mineira e indústria». *Arqueologia Industrial*, 3.a série, vol. II, no 1-2, pp. 5-21.
- MENDES, José Amado (2000), *A indústria da cal no Concelho de Penacova*, Penacova, Câmara Municipal de Penacova.
- MENDES, José Amado (2002), *História do Vidro e do Cristal em Portugal*, Lisboa, Ed. INAPA.
- MENDES, José Amado (2009), *História do Abastecimento de Água a Coimbra*, vol. II: 1927-2007, Coimbra, Águas de Coimbra/Museu da Água.
- MENDES, J. Amado (2009), *Estudos do Património. Museus e Educação*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.

MENDES, José Amado (col. de Manuel Ferreira Rodrigues) (1992), *Santos Barosa. 100 anos no vidro*, Marinha Grande, Santos Barosa – Vidros, SA.

MENDES, José Amado e FERNANDES, Isabel (coord.) (2002), *Património Industrial do Vale do Ave. Um Passado com Futuro*, Vila Nova de Famalicão, ADRAVE – Agência de Desenvolvimento Regional do Vale do Ave (dois vols., um dos quais é constituído pelos ANEXOS: *Levantamento do Património Industrial do Vale do Ave*).

«Moagem – Cidade do engenho e das Artes». Disponível em: www.fundaoturismo.pt (acedido em 17-04-2012).

«Museu Agrícola de Atalaia-Montijo». Disponível em <http://www.mun-montijo.pt> (acedido em 17-04-2012).

«Museu Agrícola de Entre o Douro e Minho». Disponível em: www.cm-viladoconde.pt (acedido em 17-04-2012).

«Museu Agrícola de Montemor-o-Novo», Disponível em: <http://aipd.pt> (acedido em 17-04-2012).

«Museu Agrícola de Riachos». Disponível em: <http://www.ribatejo.com/ecos/tnovas/museumriachos/museu.html> (acedido em 17-04-2012).

«Museu Bordalo Pinheiro». Disponível em: www.museubordalopinheiro.pt/0302.htm (acedido em 17-04-2012).

Museu da Cortiça da Fábrica do Inglês. Exposição Permanente. Estudos. Catálogo (1999), Silves, Fábrica do Inglês, S. A.

«Museu da Água». Disponível em: <http://museudaagua.blogspot.pt/> (acedido em 17-04-2012).

«Museu da Broa». Disponível em: <http://www.rotadoromanico.com> (acedido em 17-04-2012).

«Museu da Chapelaria». Disponível em: museudachapelaria.blogspot.com (acedido em 17-04-2012).

«Museu da Cortiça», Disponível em: www.amorim.com/cor_museu.php (acedido em 17-04-2012).

«Museu da Electricidade». Disponível em: <http://www.edp.pt/pt/sustentabilidade/fundacoes/fundacaoedp/museuadelectricidade/pages/museuelectricidade.aspx> (acedido em 17-04-2012).

Museu de Electricidade. Casa da Luz (1997), [Funchal], Empresa da Electricidade da Madeira.

«Museu da Fábrica de Sacavém». Disponível em: http://www.ipmuseus.pt/pt-PT/rpm/museus_rpm (acedido em 17-04-2012).

«Museu da Indústria Têxtil da Bacia do Ave». Disponível em: www.museudaindustriatextil.org (acedido em 16-04-2012).

«Museu de Olaria». Disponível em: www.museuolaria.org (acedido em 17-04-2012).

«Museu de Vila Franca de Xira». Disponível em: <http://www.cm-vfxira.pt> (acedido em 17-04-2012).

«Museu do Carro Eléctrico da Cidade do Porto». Disponível em: www.museudocarroelectrico.pt (acedido em 17-04-2012).

- «Museu do Comércio». Disponível em: <http://www.correiodominho.com/cronicas.php?id=3812> (acedido em 17-04-2012).
- «Museu do Pão». Disponível em: www.museudopao.pt (acedido em 17-04-2012).
- «Museu do Papel Terras de Santa Maria», Disponível em: www.museudopapel.org (acedido em 17-04-2012).
- «Museu do Papel». Disponível em: www.museudopapel.org (acedido em 17-04-2012).
- «Museu do Vidro», Disponível em: www.lifecooler.com/Portugal/patrimonio/MuseudoVidro (acedido em 17-04-2012).
- «Museu do Vinho da Bairrada». Disponível em: <http://www.cv Bairrada.pt> (acedido em 17-04-2012).
- «Museu Mineiro do Lousal». Disponível em: www.cm-grandola.pt (acedido em 17-04-2012).
- «Museu Santos Barosa da Fábrica do Vidro». Disponível em: http://www.santosbarosa.pt/index_p.php?num=5 (acedido em 17-04-2012).
- Museus de Portugal*. Disponível em: <http://www.museusportugal.org/> (acedido em 16-04-2012).
- «Património Industrial e valorização do Território. A Mina de São Domingos». Disponível em: territoriosustentavel.dcea.fct.unl.pt (acedido em 17-04-2012).
- PINHEIRO, Elisa Calado (coord.) (2008), *Rota da Lã Translana. Percursos e marcas de um território de fronteira: Beira Interior (Portugal). Comarca Tajo-Salor-Belemonite (Espanha)*, vols. I e II, Covilhã, Museu dos Lanifícios da Universidade da Beira Interior.
- PINTO, Elisabete de Sousa (2004), «Contribución de la investigación histórica para la valorización del Patrimonio Industrial. El caso de la zona de Couros, en Guimarães», in *Rutas Culturais y Turísticas del Patrimonio Industrial (2004)*, col. “Los Ojos de la Memoria”, n.º 4, Gijón – Astúrias, INCUNA, Asociación de Arqueología Industrial, p. 66- 79.
- PINTO, José M. Soares & CALLAPEZ, Pedro M. (s. d.), «O património mineiro do Cabo Mondego e a sua importância museológica». Disponível em: www.socgeol.org/documents/type_5/VIICNGVolIII054.pdf (acedido em 17-04-2012).
- POULOT, Dominique (1997), *Musée, Nation, Patrimoine*. 1789-1815, França, Ed. Gallimard.
- RAMOS, Ricardo Jorge de Brito (2011), *Reabilitação de Edifícios Industriais como Museu. Museu do Fado, Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva, Museu do Oriente*, Lisboa (Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Reabilitação de Arquitectura e dos Núcleos Urbanos, apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, mimeog.).
- «Real Filatório de Chacim – Paisagem de Trás-os-Montes». Disponível em: trasmontesdepaisagens.blogs.sapo.pt/23294.html (acedido em 17-04-2012).
- Rede Portuguesa de Museus*. Disponível em: <http://www.ipmuseus.pt/pt-PT/rpm/ContentDetail.aspx>, (acedido em 16-04-2012).
- ROCHA, Nuno Alexandre Dias (2010), *Couto Mineiro do Espadanal (Rio Maior). História, Património, Identidade*. Dissertação de Mestrado apresentada no Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa.
- Rutas Culturais y Turísticas del Patrimonio Industrial (2004)*, col. “Los Ojos de la Memoria”, n.º 4, Gijón – Astúrias, INCUNA, Asociación de Arqueología Industrial.
- SILVA, Raquel Henriques da et al. (2000), *Inquérito aos Museus de Portugal*, Lisboa, IPM.

SOUSA, Antero Vieira de, *Museu da Electricidade* (1983). *Cadernos de Museologia*, Lisboa, Associação Portuguesa de Museologia.

TOBELEM, Jean-Michel (2007), *Le nouvelle âge des musées. Les institutions culturelles au défi de la gestion*, Paris, Armand Colin.

VITERBO, Sousa (1896), «Archeologia industrial portuguesa: Os Moinhos», *O Archeologo Português*, vol. II, números 8 e 9, Agosto e Setembro de 1896, p. 193-204.

WITCOMB, Andrea (2003), *Re-Imagining the Museum. Beyond the Mausoleum*, Londres e Nova Iorque, Routledge.

«Unidade Museológica da Central Elevatória de Água». Disponível em: <http://www2.cm-evora.pt/piphe/> (acedido em 17-04-2012).

«10º Aniversário do Museu da Carris». Disponível em: www.youtube.com/watch?v=f3HN3cLx3zA (acedido em 16-04-2012).